

## CRISTIANISMO E CULTURA POP: UM DIÁLOGO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A CULTURA CRISTÃ E AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA PÓS-MODERNIDADE

Lucas Villan Arrue\*

Júlio César Adam\*\*

**RESUMO:** Cristianismo é uma parte importante da cultura ocidental e ao longo da história precisou se posicionar diante de diferentes acontecimentos, estruturas e diante de outras expressões culturais, especialmente religiosas e intelectuais. Mas nunca o cristianismo se viu tão imerso em diferentes expressões culturais e, consequentemente, diante de tantas expressões religiosas. Em meio a essa cultura, que agora se apresenta como pós-moderna, emerge a cultura pop, uma das mais intensas expressões culturais da história que se manifesta de uma forma diversa, envolvente e que logra uma aderência singular da parte do indivíduo pós-moderno, modificando seu comportamento e interação com o meio e com outros indivíduos. A pesquisa tem por objetivo apresentar uma definição de cultura pop e avaliá-la, especialmente no que diz respeito às suas manifestações na mídia com o fim de apresentar os desafios do cristianismo diante dessa manifestação cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cristianismo; Cultura; Cultura pop.

## CHRISTIANITY AND POP CULTURE: A DIALOGUE BETWEEN CHRISTIAN CULTURE AND CULTURAL MANIFESTATIONS IN THE POSTMODERN AGE

**ABSTRACT:** Christianity is a highly relevant factor in Western Culture. Throughout history, it had to take sides on different occurrences, structures and other cultural expressions, especially religious and academic. Nowadays Christianity is also immersed within different cultural expressions and, consequently, different religious stances. Pop culture within the postmodern age is one of the densest cultural expressions in history which manifests itself differently and requires a unique adherence by postmodern agents. In fact, it modifies their behavior and interaction with the milieu and with other people. Current research endeavors to define pop culture and evaluate it, particularly with regard to manifestations in the social media to manifest its challenges to Christianity within this type of cultural manifestation.

**KEYWORDS:** Christianity; Culture; Pop culture.

### INTRODUÇÃO

Este artigo pretende refletir acerca da relação entre cristianismo e cultura pop, bem como algumas de suas implicações a partir de autores que já trabalharam o assunto. Cristianismo é um conceito muito amplo, porém, não vamos limitá-lo ao conceito apresentado pelo dicionário que se restringe ao conjunto de práticas e ensinamentos relacionados à pessoa de Jesus Cristo.

Antes, entenderemos neste artigo, Cristianismo como uma vivência, que tem como objetivo a semelhança da pessoa de Jesus. Entretanto, esta vivência se manifesta em absolutamente todos os aspectos da vida de um indivíduo tanto aqueles que dizem respeito ao culto como aqueles que dizem respeito à vida íntima desse mesmo indivíduo.

O que significa ser um cristão na sociedade onde estamos inseridos? O que Cristo tem a ver com

\* Discendente no curso Bacharelado em Teologia, na Faculdades EST, em São Leopoldo /RS, Brasil e bolsista de iniciação científica pelo CNPq. E-mail: [lucas.4rrue@gmail.com](mailto:lucas.4rrue@gmail.com)

\*\* Doutor em Teologia. Docente adjunto de Teologia Prática, na Faculdades EST, em São Leopoldo/RS, Brasil.

a cultura? O que tem a ver Atenas com Jerusalém? O cristianismo nunca precisou se posicionar de forma tão ativa diante da sociedade, da cultura e da ciência como tem precisado atualmente. Mas, afinal, qual posição precisamos tomar? Devemos lutar contra tudo e todos os que estão fora do pensamento e da “cultura cristã”? Ou podemos dialogar com eles? Qual é o papel dos cristãos em meio à sociedade? Como o pensamento cristão deve se posicionar frente à cultura?

Este breve ensaio pretende propor uma reflexão crítica acerca das posições que já foram adotadas por alguns autores, bem como um entendimento mais amplo de termos como cultura e cultura pop e subsídios práticos para um melhor posicionamento por parte dos cristãos em relação ao meio circundante e suas expressões. Este artigo também visa promover conscientização e envolvimento da parte da igreja cristã na devida utilização da cultura pop e também na produção e influência ativa na mesma.

Este artigo se organiza em sete partes. Na primeira parte será abordado o conceito de cultura, a partir da etimologia do termo e de estudos recentes. A segunda parte se dá no exercício de conceituação de “cultura pop”. Em seguida, a terceira parte traz uma breve explanação sobre o conceito de formação das culturas. A quarta parte avalia a interação do ser humano com a cultura no meio onde está inserido. A quinta parte trata da interação entre cristianismo e cultura. A sexta parte trata da crítica da cultura a partir do que foi trabalhado no quinto ponto. Por fim, a sétima parte trata de algumas considerações finais tendo em vista o que foi proposto até então.

## 2 O QUE É CULTURA?

Cultura é um termo utilizado com superficialidade e, por muitas vezes, sem que se leve em consideração o seu significado mais amplo. Clifford Geertz propõe uma reflexão crítica acerca do termo, dialogando com diversos teóricos em busca de uma definição consistente. Geertz propõe um conceito semiótico de cultura, ou seja, uma análise apurada dos símbolos e

códigos que regem um determinado grupo ou sistema.

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 2008, p. 4).

Não obstante, Geertz nega-se a dizer que cultura se trata de uma conduta padronizada ou estado mental. Igualmente descartadas por Geertz são as definições de cultura como realidade “superorgânica” que surge de si mesma e serve a si mesma, ou como padrão de acontecimentos comportamentais (GEERTZ, 2008, p. 8). Para ele, a cultura está além de si mesma e não pode ser limitada apenas as suas expressões visíveis em um indivíduo ou grupo de indivíduos.

A proposta de Geertz é estabelecer um caminho seguro para a uma definição de cultura a partir da ideia de cultura como “composta de estruturas psicológicas por meio das quais os indivíduos ou grupos de indivíduos guiam seu comportamento” (GEERTZ, 2008, p. 8). Dessa forma é possível falar de cultura de uma sociedade.

Esse tipo de definição permite o estabelecimento de algumas características mais restritas de uma manifestação cultural. Cultura também pode ser o estabelecimento de códigos ou um conjunto de regras estabelecidas por um grupo de indivíduos que os caracterize lhes fornecendo particularidades que os distinguem dos demais grupos (GEERTZ, 2008, p. 8). Portanto, cultura seria um conjunto de “estruturas de significado socialmente estabelecidas” (GEERTZ, 2008, p. 9).

Geertz aprofunda a ideia de uma perspectiva semiótica de cultura:

[...] sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os

acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível — isto é, descritos com densidade. (GEERTZ, 2008, p. 10).

Com isso, Geertz quer propor o estudo dos símbolos que estabelecem um sistema de ideias, sintomas e comportamentos de uma sociedade, uma “adivinhação dos significados” (GEERTZ, 2008, p. 14).

Cada análise cultural séria começa com um desvio inicial e termina onde consegue chegar antes de exaurir seus impulsos intelectuais. Fatos anteriormente descobertos são mobilizados, conceitos anteriormente desenvolvidos são usados, hipóteses formuladas anteriormente são testadas, entretanto o movimento não parte de teoremas já comprovados para outros recém provados, ele parte de teste desajeitado pela compreensão mais elementar para uma alegação comprovada de que alguém a alcançou e a superou (GEERTZ, 2008, p. 18).

A partir do fato de cultura ter a ver com comportamento humano, baseado na sua cosmovisão e as manifestações simbólicas da mesma, é preciso refletir acerca da função da cultura na sociedade e também na vida do ser humano.

O historiador André Reinke cita Justo Gonzalez no seu livro “Cultura e evangelho” afirmando que cultura é “o modo como um grupo humano se relaciona entre si e com o meio ambiente circundante”, ou seja, cultura é a relação dos seres humanos uns com os outros e com o meio onde estão inseridos (REINKE, 2016). Reinke ainda cita o termo bíblico “cultivo” utilizado por Gonzalez referindo-se a ele como a intenção de Deus ao ordenar para o ser humano que *cultive* e guarde o jardim (REINKE, 2016).

A partir disso, Gonzalez se aproxima do conceito tradicional de cultura. Segundo a etimologia da palavra “cultura”, o termo se origina do latim e significa cultivar, lavrar, criar (animais) ou ainda, morar,

habitar e cuidar, de acordo com uma das variações de sua raiz (ANDRADE, 1999). A raiz ainda oferece a possibilidade de formar o termo “culto”.

Segundo Reinke, o mito, ou o imaginário religioso como um todo é a forma de um grupo humano interpretar e explicar a origem e o funcionamento do meio onde está inserido. A partir disso surgem as religiões e a manifestação das mesmas em “cultos”, ou seja, a aproximação, veneração ou adoração do imaginário mitológico, seja ele um deus, um elemento da natureza ou mesmo uma pessoa de determinada cultura. Logo, “cultura é a soma de um cultivo, com o culto de um povo” (REINKE, 2016).

## 2.1 O QUE É CULTURA POP?

No que se refere à cultura popular ou cultura pop esse conceito faz sentido. Cultura popular ou cultura pop é a soma de elementos, tendências e práticas que são comuns, acessíveis e consumidos pela população em sua maioria, ou seja, pelo povo. O que isso tem a ver com cultivo e culto? A cultura popular é uma expressão do povo, que não expressa nada além daquilo em que acredita e necessita. O povo acredita naquilo que foi ensinado a acreditar, naquilo que vê e nas experiências cotidianas. Tudo isso é variável de acordo com o meio. Acontece de uma forma na cidade, de outra forma no campo. Acontece de uma forma no Brasil e de outra forma na Europa.

Entretanto, esta definição, apesar de não ser incoerente em si, se torna um tanto superficial quando se leva em consideração a origem do termo “pop”. Simone Pereira de Sá se propõe a analisar a origem do termo bem como os desdobramentos e concepções que surgiram a partir do mesmo.

Em primeiro lugar, o termo vem do inglês como abreviação do termo “popular”, tornando-se “pop”. É usado para designar aquilo que se refere às grandes massas, ao grande público. Todo o conteúdo produzido com vistas a este tipo de público recebe o “adjetivo” popular. Aqui estão inclusas as telenovelas, músicas que não têm caráter erudito, como funk, sertanejo e forró, ou seja, tudo aquilo que é consumido em maior

escala pela maior parcela da população (SOARES, 2015, p. 19).

A origem do conceito de cultura pop e do uso deste termo tem um fundo histórico. O termo surge do movimento “pop art” iniciado nos EUA e Reino Unido na década de 1950. Neste momento se discutiu a existência ou não de uma estética das massas. A partir disso, o pop passou a estar vinculado com mídia. O popular se referia também ao “popular midiático” (SOARES, 2015, p. 20).

No que se refere à cultura popular brasileira, por exemplo, estamos tratando de uma cultura folclórica, mas também, uma cultura pop/midiática (SOARES, 2015, p. 20). Consequentemente, a cultura popular como um todo se torna produtora de tendências para o mercado. Sendo assim, a cultura pop se torna influência na mídia e no comércio (SOARES, 2015, p. 21).

A Cultura Pop pode se conectar às ideias de lazer, diversão, frivolidade, superficialidade e a proposta é tencionar o já problemático termo: a premissa de reconhecimento do contexto do entretenimento e dos agenciamentos da indústria da cultura em análises de produtos, performances e encenações midiáticas (SOARES, 2015, p. 22).

Não obstante, o termo ainda é repleto de paradigmas que parecem inquebráveis na sociedade moderna. O termo, no geral, ainda tem a conotação de “pobre”, de baixa qualidade, de baixo valor estético. A partir de uma análise acerca do conceito de música popular, Simone de Sá questiona os paradigmas utilizados para se fazer estas constatações. Quais seriam os parâmetros utilizados? Para quem tem baixo valor estético? Existe um cânone cultural? Se sim, existe um para a cultura pop (SOARES, 2015, p. 30)?

Fábio Fonseca de Castro traz a reflexão acerca da “quotidianidade” da cultura. A cultura precisa ser interpretada no seu tempo e espaço, dialogando com as necessidades e experiências da sociedade em que ela se faz presente (CASTRO, 2015, p. 35). A partir disso, pode-se dizer que a cultura popular é fruto do seu tempo e espaço e dialoga com eles.

Castro traz ainda o debate de alguns teóricos acerca do surgimento e do significado da cultura popular nos dias atuais. Primeiramente, Bell (1978 apud CASTRO, 2015, p. 36) classifica a cultura pop como uma manifestação das massas em oposição à autoridade intelectual vigente. Semelhantemente a Newman (1984 apud CASTRO, 2015, p. 36) que classifica o pop como uma inflação cultural produzida pelo capitalismo avançado.

Diferentemente, Chambers (1986 apud CASTRO, 2015, p. 36) propõe a ideia de que o pop, nada mais é do que uma democratização da produção cultural. Jameson (1996 apud CASTRO, 2015, p. 36) também defende algo parecido, dizendo que a cultura popular é o reflexo de um anseio por novidades. Basicamente, estas são as duas posições sobre o significado da cultura pop. Entretanto, ambas as posições concordam em enfatizar como uma das principais características da cultura pop a sua transitoriedade e efemeridade (CASTRO, 2015, p. 38).

Jader Janotti Junior, no mesmo livro apresenta a sua breve impressão:

Em termos de acionamentos distintos, o pop é marcado pelas transformações do popular a partir dos encontros e tensões característicos das modernidades associadas à cultura midiática (apud SÁ; CARREIRO; FERRAZ, 2015, p. 46).

Janotti Junior (apud SÁ; CARREIRO; FERRAZ, 2015) também entende que a cultura popular é permeada de contradições. Pode significar uma queda na qualidade da produção cultural ou pode significar uma relativização da superioridade da cultura vigente proposta por uma minoria “intelectualmente superior” (JANOTTI JUNIOR apud SÁ; CARREIRO; FERRAZ, 2015, p. 45). A partir disso, percebe-se a dificuldade de se estabelecer um conceito fechado de cultura popular.

Neste trabalho será adotada a concepção mais comum, de que a cultura popular é aquilo que é produzido e consumido pela maior parcela da população tendo sua origem e inspiração no meio onde é prati-

cada, consumida e vivida, bem como nas experiências cotidianas daqueles que a partilham. Não será abordada a questão acerca da qualidade de uma produção popular em relação a uma produção clássica ou erudita.

### 3 CULTURA E CULTURAS

Nesta mesma perspectiva, Abner Melanias, em seu programa “Contraponto”, apresenta o conceito de cultura sincrética e circularidade cultural. Segundo Melanias, não existe cultura completamente pura (MELANIAS, 2016). Essa afirmação vai ao encontro do conceito apresentado por Reinke. Se o meio é uma das principais variáveis na formação da cultura, logo, o ser humano modifica a sua cultura na medida em que o meio em que esta se modifica pela própria ação humana, ou ainda, na medida em que o ser humano migra, se muda.

Diferentemente de uma “cultura tradicional” que é arraigada em costumes hereditários e imutáveis, a cultura pop é extremamente volúvel, pois é facilmente induzida pelos avanços tecnológicos, pelas influências de culturas periféricas de maior “aderência social”, por quem a produz e mesmo pela política vigente, tanto a política global como a política interna do meio.

Uma das consequências dessa volubilidade da cultura pop é o embate sobre a legitimidade ou não da separação entre a baixa cultura e a alta cultura, sendo a baixa cultura a cultura popular e a alta cultura uma cultura mais erudita e reservada à determinada parcela da população (MELANIAS, 2016). Este embate tem se dado em quase todas as formas de manifestação cultural, sobretudo na arte.

Em seu livro “A arte não precisa de justificativa”, Hendrik Hoelof Rookmaaker questiona a identidade da arte e do artista. A arte é somente uma expressão do ser? É apenas estética, ou tem valor reflexivo? A arte precisa ter um valor reflexivo? O artista tem um papel na sociedade? E na cultura? Qual é esse papel? Estas questões devem necessariamente ser respon-

das afinal, querendo ou não, a arte e o artista são parte da cultura como um todo. Talvez não haja a necessidade de se justificar cada ponto, cada produção, cada método, mas a questão é que há uma produção artística variada e esta é produzida para alguém e com um fim, argumenta Rookmaaker (ROOKMAAKER, 2010, p. 9, 10).

No Brasil vive-se ainda outro embate que se dá na severa crítica ao que é nacional e a idealização e consumo passivo do estrangeiro (MELANIAS, 2016). Este embate se expressa na literatura, cinema, artes plásticas, moda, música em especial e atualmente até mesmo no esporte. Depois da derrota do Brasil por 7 a 1 no jogo contra a Alemanha na copa do mundo de 2014 lançou-se uma severa crítica ao futebol brasileiro enquanto se endeusava o estilo de jogo dos incríveis alemães.

### 4 A CULTURA E O SER HUMANO

A cultura é plural, dinâmica e complexa. A cultura se manifesta em absolutamente todas as áreas da vida, na propaganda, na alimentação, no comportamento, no lazer, no design, na ciência e até mesmo na moral. E também, a cultura manifesta as necessidades e anseios do ser humano. A partir disso, Melanias propõe a questão sobre o denominador comum das culturas. Existe um denominador comum (MELANIAS, 2016)?

A partir deste questionamento os dois entrevistados do programa de Melanias colocam as suas impressões sobre o assunto. O primeiro, Cacau Marques, diz que as Culturas são comunicáveis, mas não coincidentes (MELANIAS, 2016). Ou seja, os elementos comuns da cultura não representam necessariamente um denominador comum, mas simplesmente uma abertura para o diálogo não violento.

O segundo entrevistado, Rodrigo Bibó de Aquino, diz ser o próprio ser humano o denominador comum da cultura, pois é ele quem a produz (MELANIAS, 2016). Aquino usa como exemplos o horóscopo e a psicologia. O horóscopo se utiliza de estereótipos e

preferências do ser humano além de ir ao encontro das suas necessidades básicas (LAMARINO, 2016). Aqui—no diz que, acreditando ou não em horóscopos, uma pessoa se identifica com suas propostas pelo fato de o horóscopo fazer uso de estereótipos humanos.

Aquino fala ainda que a psicologia como ciência é uma das comprovações da existência de um denominador comum da cultura (MELANIAS, 2016). A psicologia se propõe a estudar os seres humanos em sua psiquê. Obviamente as pessoas têm experiências diversas que moldam a sua psiquê de diferentes formas. Porém, a psicologia faz uso de princípios fundamentais da interação humana, das suas experiências e da sua construção psíquica para estudar a mente.

Com estes exemplos, Aquino quer dizer que os seres humanos têm necessidades e anseios em comum independentemente de suas culturas. Essas necessidades e anseios comuns são expressos em práticas religiosas como a astrologia e também na ciência da psicologia. Logo, para Aquino existe um denominador comum nas culturas.

## 5 CRISTIANISMO E CULTURA

Por cristianismo ou fé cristã entende—se o conjunto de crenças, dogmas e práticas religiosas assumido pelo grupo de indivíduos denominado igreja, em torno da pessoa e obra de Jesus Cristo. Entretanto, essa designação tende a ser limitada no que se refere à fé cristã. Adotaremos aqui a ideia de que cristianismo é uma vivência, uma identidade assumida por aqueles que professam a fé em Jesus Cristo que se manifesta em todas as esferas da vida.

E o que tem a ver a cultura com a fé cristã? Essa pergunta já foi feita várias vezes ao longo da história e as respostas que para ela foram elaboradas são as mais diversas. Ao longo da história a cultura foi sendo demonizada pelos cristãos. Na medida em que os avanços tecnológicos, descobertas científicas e reinvenções da humanidade surpreendiam o mundo, a Igreja Cristã os demonizava, os via como heréticos e contrários a sua doutrina e dogmas.

Entretanto, na medida em que a sociedade começou a questionar—se acerca dos dogmas da igreja e a dialogar com as inovações, o cristianismo precisou adotar algumas propostas alternativas de diálogo com a cultura. Michael Scott Horton discute a perspectiva de Richard Niebuhr que propõe cinco possíveis posições do cristianismo em relação à cultura: o Cristo contra a cultura, o Cristo da cultura, o Cristo acima da cultura, o Cristo em relação paradoxal com a cultura e o Cristo transformador da cultura (HORTON, 2006, p.46—48).

### 5.1 O CRISTO CONTRA A CULTURA

A igreja cristã teve de se “reinventar” muitas vezes ao longo da história, especialmente na época das grandes navegações, no avanço da astronomia e no iluminismo. Os dogmas cristãos estavam em constante conflito com as novas descobertas e com a nova cosmologia vigente. Isso fez com que a igreja acabasse se fechando por completo em relação à cultura. Apesar de aparentemente superada, essa visão ainda está presente em algumas correntes cristãs e tem os seus motivos para estar.

Segundo Niebuhr, esta perspectiva prega um sentido extremamente positivo do cristianismo e uma rejeição igualmente enfática quanto as coisas que pertencem ao mundo. O que pertence ao mundo se refere a tudo aquilo que está fora da Igreja Cristã, à parte dela (NIEBUHR, 1967, p. 70).

É uma cultura que está voltada para os valores temporais e passageiros, enquanto Cristo tem palavras de vida eterna; é uma ordem a um tempo moribunda e assassina, pois ‘o mundo passa e com ele a sua concupiscência (NIEBUHR, 1967, p. 70).

Esta é a posição defendida por Tertuliano no início da Igreja Cristã. Segundo Tertuliano, o conflito do cristão era com a cultura que era corrompida pelo pecado, e não com a natureza pecaminosa. Inclusive, ele afirma que o pecado original é transmitido pela sociedade. Entretanto, percebe—se em Tertuliano uma sincera preocupação com o paganismo, as religiões

falsas e a comercialização dos ritos no seu tempo (NIEBUHR, 1967, p. 75).

No Brasil, vivemos uma cultura que, apesar de rica e plural em sua essência, insiste em se apresentar de forma vulgar e sensual, “erotizando” e “objetificando” o corpo, especialmente da mulher, não em sua totalidade, é claro. Percebe-se essa tendência na publicidade em especial. Essa forma de a cultura se manifestar tem legitimado, de certa forma, a posição excludente dos cristãos em relação a ela. Entretanto, a cultura é uma manifestação popular. A cultura é influenciadora, mas também é influenciada pelo povo.

Steve Turner cita Robert Prechter para falar da relação da cultura com a economia. “O americano Robert Prechter, analista da bolsa de valores, afirma que a cultura popular (‘arte popular, moda e costumes’) reflete exatamente a disposição do público dominante e que as mudanças de disposição antecipam as tendências financeiras” (TURNER, 2014, p.22).

Segundo Prechter, a cultura e o mercado estão intimamente relacionados e estas instâncias são influenciadas pelas propostas da população que refletem seus desejos e anseios. Douglas Kelner também traz a sua contribuição para a reflexão acerca de cultura e mercado. Ele diz que “Nos Estados Unidos e na maioria dos países capitalistas, a mídia veicula uma forma comercial de cultura, produzida por lucro e divulgada à maneira de mercadoria” (KELLNER, 2001, p. 27).

Em vista disso, os grandes produtores de mídia e os seus executivos tendem a produzir aquilo que vende melhor. Isso significa não ofender as massas produzindo conteúdo que seja vendido à maioria das pessoas.

A partir dessa reflexão, a posição contrária da igreja em relação à cultura fica muito mais complicada de se sustentar, visto que ficar contra a cultura significa ficar contra o povo e seus desejos, anseios e realizações e também significa ficar contra o mercado e, por que não contra a economia.

## 5.2 O CRISTO DA CULTURA

Apesar de ser legítima para algumas parcelas do cristianismo esta posição é quase tão complicada

de se sustentar quanto a anterior. Niebuhr apresenta as diferentes perspectivas desta posição:

Por um lado, eles interpretam a cultura através de Jesus Cristo, considerando como os seus elementos mais importantes àqueles que estão mais de acordo com a sua obra e pessoa; e, por outro lado, eles entendem Cristo através da cultura, selecionando de seu ensino e ação, bem como da doutrina cristã a respeito dele, os pontos que parecem concordar com o que há de melhor na civilização. Assim, harmonizam Cristo e cultura, naturalmente não sem dano para os aspectos irredutivelmente discordantes do Novo Testamento e dos costumes sociais (NIEBUHR, 1967, p. 110).

Horton discorre sobre o problema do separatismo, tal qual se apresenta no ponto anterior, e sobre o problema do secularismo (HORTON, 2006, p. 162). O grande problema de um Cristo da cultura é a possibilidade de um secularismo da fé cristã, bem como de um sincretismo. Ainda que a cultura seja incentivada por Deus e agradável aos olhos Dele, ela está corrompida pelo pecado (HORTON, 2006, p. 164). Surge então a pergunta: Cristo pode ser inserido na cultura?

A pergunta sobre o caráter essencial da cultura popular é importante para o cristão. Se a cultura popular é má em si mesma seja por promover a “erotização” e objetificação” do corpo, por exemplo, o cristão deve se afastar dela e negá-la uma vez que, biblicamente falando, o corpo é o santuário do Espírito Santo (1Co 6.19). Entretanto, se a cultura popular não é má em si mesma nos cabe o desafio de avaliar, aproveitar, transformar e até mesmo criar cultura popular construtiva para a sociedade como um todo, não só para o meio cristão (TURNER, 2014, p.22).

Entretanto, apresentar a possibilidade de Cristo como um elemento inserido na cultura pressupõe um diálogo com a mesma em todas as suas dimensões, ou seja, inclusive com o pecado presente nela. Além disso, por mais arrogante que possa parecer, o cristianismo não pode considerar Cristo apenas mais um elemento qualquer da cultura.

Ao mesmo tempo em que a igreja precisa In-culturar-se, ela não pode acabar se misturando com a cultura de modo que não possa mais ser distinta da mesma. A igreja deve tomar cuidado para não cair em um sincretismo cultural (HORTON, 2006, p. 162). A igreja precisa afirmar a sua identidade e precisa ter a certeza daquilo no que crê. Inculturar-se não significa perder aquilo que é essencial e primário na fé cristã (HORTON, 2006, p. 186–187).

Nesta perspectiva, Cristo não deve estar inserido na cultura como um elemento qualquer, e nem podemos dizer que Cristo é um fruto da cultura. Porém, esta postura pode facilmente nos levar a terceira perspectiva apresentada por Niebuhr.

### 5.3 O CRISTO ACIMA DA CULTURA

A grosso modo, esta perspectiva sobre Cristo e a cultura muito se assemelha a primeira. Cristo acima da cultura quer dizer Cristo superior à cultura de modo que este não pode ser tocado por aquela. Aquilo que é sagrado não pode se misturar com aquilo que é profano.

Se Cristo e a cultura são os dois princípios com que se preocupam os cristãos, então, muitos deles nos parecerão ser criaturas acomodáticas, que conseguem misturar, de uma maneira irracional, uma devoção exclusiva a um Cristo que rejeita a cultura, com a devoção a uma cultura que inclui Cristo (NIEBUHR, 1967, p. 144).

Nesta perspectiva, Cristo se torna os óculos pelos quais se deve observar a cultura. Isso seria coerente se não fosse o fato de ser excludente e separatista. Turner descarta esta posição ao afirmar que: “Aqueles que se apoiam apenas na cultura popular estão se privando da mesma forma que aqueles que se apoiam apenas na Bíblia. Tornamo-nos mais equilibrados, úteis, enriquecidos e holísticos quando tiramos vantagem da cultura” (TURNER, 2014, p. 47–48).

Niebuhr ainda leva em consideração o fato de que não se pode fazer uma distinção tão acentuada e fria entre Cristo e a Cultura, pois, em primeiro lugar a cultura é desejada por Deus e agradável aos seus olhos. Além disso, não se pode distinguir a obra humana da graça divina, visto que aquela só se faz possível por causa desta (NIEBUHR, 1967, p. 146).

Esta perspectiva parte do pressuposto que a cultura não tem absolutamente nada a oferecer. A fé cristã, com seus dogmas e doutrinas, se torna auto-suficiente. Entretanto, nenhum cristão deveria pensar desta forma, afinal nos é dada a tarefa de anunciar o evangelho a todas as nações (Mt 28.18–20) e como diz Paulo, “Julgai todas as coisas, retende o que é bom” (1Ts 5.21). Essa concepção vai ao encontro da próxima perspectiva.

### 5.4 O CRISTO EM RELAÇÃO PARADOXAL COM A CULTURA

Essa é talvez a posição mais passiva diante desta questão que é tão complexa. Cristo e a cultura coexistem com as suas diferenças e semelhanças de modo pacífico e indiferente em relação ao outro. Essa posição não necessariamente significa neutralidade e falta de formação de opinião. Porém, essa passividade acaba por se inibir de qualquer proposta de transformação. Segundo Niebuhr, uma tentativa disfarçada de acomodação (NIEBUHR, 1967, p. 179). Na prática, parece ser a posição adotada pela maioria das Igrejas Cristãs na atualidade.

Turner traz à tona a questão acerca da divisão entre “secular” e “sagrado” e como isso tem influenciado negativamente a posição dos cristãos diante da cultura:

Ou talvez eles digam isso porque têm a mente dividida. A mente dividida tem um lado espiritual e um lado terreno. O lado espiritual está comprometido aos domingos e durante os momentos de leitura da Bíblia e oração. O lado terreno está ativo quando se busca atividades de lazer (TURNER, 2014, p. 14).

O autor chama a atenção para certa necessidade da parte dos cristãos em fazer uma clara distinção entre coisas “espirituais” e coisas “terrenas”. De fato, a Bíblia orienta os cristãos a fazerem esta distinção, por exemplo, em Cl 3.2<sup>55</sup> e em Gl 6.1<sup>56</sup>. Todavia, esta distinção categórica e irrefletida acaba por fazer do cristão um indivíduo com a mente dividida.

Mas o que isso tem a ver com a relação paradoxal de Cristo com a cultura? Tem a ver com a passividade dos cristãos em relação à cultura. No momento em que se distingue o espiritual “do terreno” perde-se a possibilidade do diálogo e a esperança da transformação do meio e das tendências culturais. Para Turner, isso é inconcebível, pois é como se privássemos Deus daquilo que ele mesmo fez e promove.

[...] não há nada que vivamos que Cristo não reivindique ou sobre o qual não tenha algo a dizer. Ainda assim, às vezes o tratamos como se ele não entendesse realmente alguma área de nossas vidas modernas, como a cultura popular (TURNER, 2014, p. 18).

Esta perspectiva é abominável aos próprios princípios bíblicos pelo fato de ser acomodada. É o próprio Cristo que nos chama a ser luz no mundo e sal da terra (Mt 5.13– 16)<sup>58</sup>. Isso significa iluminar o que está escuro e dar sabor ao que é insípido. A aceitação e convivência pacíficas da fé cristã com uma cultura corrompida pelo pecado é uma postura inadequada.

Ainda assim, existem propostas um pouco mais saudáveis de interpretação em relação a esta posição.

Embora os membros deste grupo discordem das definições e combinações dos sintetizadores de Cristo e cultura, eles também procuram fazer justiça à necessidade tanto de serem mantidas juntas a lealdade a Cristo e a responsabilidade pela cultura, como de se fazer distinção entre elas (NIEBUHR, 1967, p. 180).

## 5.5 O CRISTO TRANSFORMADOR DA CULTURA

Esta perspectiva parece ser a mais coerente de todas. Cristo como aquele que transforma a cultura vigente por meio do evangelho, apresentando às pessoas o verdadeiro significado da mesma e o propósito de Deus para ela.

A vida cristã consiste, de fato, na transformação de todas as ações por Cristo, para que sejam atos de amor a Deus e ao homem, glorifiquem o Pai e o Filho, e sejam obedientes ao mandamento de amar uns aos outros. Trata-se de uma vida de trabalho em que o cristão faz o que ele vê o Filho fazendo, na medida em que o Filho faz as obras do Pai (NIEBUHR, 1967, p. 238).

Apesar de ser a perspectiva tida como a mais coerente e a mais adotada pela maioria dos círculos cristãos, esta também tem os seus riscos quando mal aplicada. Niebhuhr desenvolve o seu raciocínio afirmando que esta perspectiva tende a se tornar universalista quanto à redenção da cultura e, sendo assim, volta-se ao separatismo (NIEBUHR, 1967, p. 239).

Além disso, um dos grandes riscos desta perspectiva é o fato de que se pode cair facilmente na perspectiva anteriormente apresentada do “Cristo superior a cultura”. Se a cultura precisa ser transformada, é porque é ruim ou, no mínimo, inferior. Isso também pode acarretar na “gospelização” de tudo o que é consumido. Agora que sou cristão, devo assistir apenas filmes cristãos, ouvir apenas músicas gospel, vestir camisetas com versículos bíblicos, ler livros cristãos, e tudo o que fizer deve ter conotação cristã.

Obviamente que este não é o intuito desta perspectiva como tal. Como diz Horton, a tarefa da apologética não é ridicularizar a incredulidade. A tarefa do apologista é estar preparado para responder a esperança que há nos cristãos, porém, com mansidão e temor (1Pe 3.15,16). Esta afirmativa obviamente se aplica a todos os indivíduos cristãos na relação com aquilo que é “secular”.

O objetivo proposto por esta perspectiva é justamente oferecer uma nova cosmovisão

que vá nortear a reflexão acerca dos elementos que compõem a cultura. Alguns, talvez, serão descartados, outros, repensados e alguns, por que não, podem ser até mesmo enfatizados e explorados com maior intensidade. Tudo isso, é claro, sendo orientado e filtrado por Cristo e sua palavra.

Neste sentido, cabe aos cristãos discernir os discursos e questionar métodos e meios para a aplicação prática dos mesmos. Entretanto, todo e qualquer discurso que aponte para Cristo deve ser, no mínimo, considerado nos círculos cristão e depois, avaliado. E tudo o que o nega e distorce o evangelho deve ser entendido e retrabalhado, ou, se necessário, descartado (TURNER, 2014, p. 24–25). Tudo isso deve ser feito com seriedade.

## 6 A CRÍTICA DA CULTURA

A partir desta reflexão podemos concluir que os cristãos devem aprender a criticar. Crítica, porém, não é apenas uma questão de opinião e não necessariamente o desmerecimento ou descarte daquilo que se está criticando. Segundo o dicionário Aurélio, da língua portuguesa, crítica significa julgar alguma produção, avaliá-la, ou, apreciá-la (FERREIRA, 2008, p. 277). Esta é uma concepção salutar do termo.

Abner Melanias apresenta alguns princípios para o estabelecimento de uma crítica. Segundo Melanias, é importante para o exercício da crítica que se leve em consideração o lugar da obra (ou manifestação cultural, no caso) no tempo e no espaço. Toda e qualquer forma de manifestação artística e cultural tem um contexto, ou seja, um lugar e um momento histórico. É preciso levar em consideração estes dois aspectos para que se estabeleça uma crítica coerente (MELANIAS, 2016).

Não se pode fazer uma crítica de um livro de teologia alemão do período da Segunda Guerra fazendo uso dos mesmos princípios que seriam utilizados em uma crítica feita a uma revista em quadrinhos da Turma da Mônica no ano de 1990. Ainda que, ambas se enquadrem no “gênero artístico” literatura, existe

uma colossal diferença entre os períodos, os lugares e, conseqüentemente, entre as motivações dos autores, sem falar no conteúdo.

É óbvio que há elementos como a moral e a decência cujos princípios de relevância propostos acima não se aplicam por serem universais e atemporais. Também há aqueles elementos que ferem diretamente os princípios bíblicos e o exercício da fé cristã. Estes devem ser tratados com princípios ainda mais criteriosos. Melanias obviamente está se referindo a manifestações culturais como a arte, as concepções políticas, a moda, a propaganda.

Melanias ainda discorre sobre a postura de um crítico frente ao que se está criticando. Pode parecer óbvio, mas é de suma importância para aquele que produz crítica, consumir o tipo de arte e de cultura que se está criticando. Isso se faz necessário em função do princípio da comparação. Obviamente este não é o único princípio que deve ser utilizado ao se fazer uma crítica. Entretanto, o crítico deve conhecer aquilo que está criticando em todas as suas dimensões. Isso inclui a percepção de outros artistas sobre um determinado tipo de arte (MELANIAS, 2016).

Um crítico de literatura fantástica, por exemplo, precisa estar inteirado do mundo da fantasia e de todas as formas que a fantasia se apresenta na literatura moderna e na literatura clássica, na literatura nacional e na literatura estrangeira, na mitologia e fora dela. Ele precisa ser um exímio consumidor de literatura fantástica para que possa conceber parâmetros e, assim, formular uma crítica coerente e bem fundamentada.

Isso não implica em ações como diálogo inter-religioso ou sincretismo no diálogo da fé cristã com a cultura, apenas em uma visão “multiperspectiva” de manifestações, tendências e anseios da sociedade para uma formulação mais sólida de um posicionamento cristão frente aos mesmos. Como diz Kellner,

Ademais, o estudo crítico da cultura e da sociedade deve estar sempre examinando seus próprios métodos, posições, pressupostos

e intervenções questionando—os, revisando—os e desenvolvendo—os constantemente (KELLNER, 2001, p. 125).

Eis a nossa tarefa diante da cultura e de como ela se apresenta: desenvolver um senso crítico em relação à cultura fundamentado no evangelho e tomar iniciativas práticas para a transformação da mesma, visando o anúncio do evangelho e o amor ao próximo.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em que medida os cristãos e a igreja têm se preocupado com a cultura e com a produção artística e cultural na atualidade? O cristianismo na atualidade pende muito mais para a anorexia cultural, proposta por Godawa (GODAWA, 2004, p. 21), em que nos tornamos abstêmios e críticos intolerantes da cultura pop.

A fé cristã tem por objetivo anunciar a boa nova do amor de Deus pela sua criação a partir de Jesus Cristo. Esses e outros valores do cristianismo só podem ser disseminados se este se propor a dialogar com a cultura em todas as suas dimensões. É preciso que o cristianismo faça uso das ferramentas que a cultura lhe oferece e questione aquilo que fere os princípios e valores bíblicos. Com isso, os cristãos não devem se colocar em uma posição de superioridade, mas de agentes transformadores dos aspectos da cultura que são nocivos ao evangelho.

Diferentemente do século XVIII quando os cristãos foram responsáveis por avanços tecnológicos e por uma vasta produção artística, atualmente pendemos para o distanciamento e demonização da cultura e da arte. Isso não é uma regra, obviamente, mas se aplica a maioria.

O que podemos fazer para mudar esta realidade? É preciso lembrar os cristãos e a igreja de que eles estão inseridos no mundo, no tempo e no espaço, estão inseridos em um sistema econômico e em uma cultura. Dito isto precisamos lembrá—los da sua tarefa de anunciar o evangelho neste meio, e porque não,

fazendo uso dos elementos e dos recursos que este meio oferece.

Além disso, vale lembrar que o cristianismo também sofre influências culturais. Obviamente essas influências não têm deturpado o cerne do evangelho, mas como diz Turner “não estamos nos levando muito a sério se pensarmos que somos imunes a influência da cultura popular” (TURNER, 2014, 235).

Turner passa a palavra a Stuart Hall que afirma ser a cultura um ambiente onde “entendimentos sociais coletivos são criados” (TURNER, 2014, p. 20). É no meio da cultura popular que as pessoas formam opiniões, que formam a suas cosmovisões e o seu senso crítico. Se quisermos que o evangelho seja efetivo e cause mudanças precisamos estar inseridos neste meio e precisamos anunciá—lo de uma forma que as pessoas escutem.

São diversos os exemplos bíblicos que nos movem a fazer uso da cultura. José, no Egito, vivia em meio a um povo pagão e idólatra e, além disso, administrava o reino com zelo e dedicação. José não o fazia de acordo com aquilo que aprendera de Jacó, seu pai, mas o fazia segundo as diretrizes do Egito (Gn 39–41).

Também Daniel, na Babilônia, servia ao rei e se destacava. Além disso, assim como José, Daniel interpretou os sonhos do rei para anunciar a vontade de Deus. Deus usou Daniel no meio onde estava tanto que o grande rei Nabucodonosor se viu obrigado a dobrar os joelhos diante do Altíssimo (Dn 3). Não nos esqueçamos de Paulo, que não hesitou em fazer uso do paganismo dos atenienses para anunciar o evangelho (At 17.16–31).

Rookmaaker diz que “nosso cristianismo não serve apenas para os momentos piedosos ou atos religiosos” (ROOKMAAKER, 2010, p. 38). O que isso significa? Significa que precisamos estar verdadeiramente inseridos no nosso meio, precisamos influenciar mais do que somos influenciados, precisamos consumir com discernimento, e produzir com qualidade.

Quanto às cinco perspectivas propostas por Niebuhr:

1. sejamos contra aquilo que não promove a Cristo;
2. sejamos capazes de enxergar a Cristo quando ele se manifesta de uma maneira diferente da que estamos acostumados;
3. Cristo é o rei dos reis, o nome que está acima de todo o nome e não há quem seja como Ele. Mas isso não é motivo para sermos arrogantes e achar que somos melhores, reivindicando o direito de jogar fora tudo o que nos é apresentado como diferente;
4. tenhamos a consciência de que estamos inseridos em um meio e em uma cultura. Também somos frutos do nosso tempo (TURNER, 2014, p. 54). Mas, que isso não nos leve a uma passividade e indiferença frente ao que nos é apresentado pela cultura;
5. sejamos instrumentos de Deus para a transformação da cultura. Mas não só isso, sejamos produtores de cultura, influenciadores, participantes ativos.

A tarefa dos cristãos não é apenas criticar aquilo que a cultura nos apresenta, mas também produzir cultura, produzir conhecimento útil, aplicável e interessante, se fazer presente não apenas pela representatividade, mas para ser uma referência para o mundo. Terminei esta breve reflexão com as palavras de Paulo que a sintetizam bem.

Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fra-

co para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele (1Co 9.19-23).

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. **Identidade Cultural no Brasil**. Vargem Grande Paulista: A9, 1999.

AQUINO, R.B. BTCAST 168. 13 set. 2016. Disponível em: <<http://bibotalk.com/podcast/btcast168/>>.

BÍBLIA de Estudo de Genebra. 2. Ed. Barueri, SP: Sociedade bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

CASTRO, F.F. Temporalidade e cotidianidade no pop. In: SÁ, S.P.; CARREIRO, R. FERRAZ, R. (Org.). **Cultura pop**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015.

CONCEITO etimológico de cultura Disponível em: <[http://www.tokstok.com.br/premio/imagens/prof\\_eddy2.html](http://www.tokstok.com.br/premio/imagens/prof_eddy2.html)>

MELANIAS, Abner. Contraponto 10. 16 jun. 2016. Disponível em: <<http://bibotalk.com/podcast/contraponto-010-a-morte-da-critica/>>.

MELANIAS, Abner. Contraponto 13. 28 jul. 2016. Disponível em: <<http://bibotalk.com/podcast/contraponto-013-o-que-e-cultura/>>.

FERREIRA, A.B.H. **Mini Aurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2008.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GODAWA, B. **Cinema e fé cristã**: vendo filmes com sabedoria e discernimento. Viçosa: Ultimato, 2004.

HORTON, M.S. **O cristão e a cultura**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

KELLNER, D. **A cultura da mídia**: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

LAMARINO, Á. **Nerdologia**. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=SMureUD4h\\_c](https://www.youtube.com/watch?v=SMureUD4h_c)>.

NIEBUHR, H. R. **Cristo e a cultura**. RJ: Paz e Terra, 1967.

ROOKMAAKER, H.R. **A arte não precisa de justificativa**. Viçosa, MG: Ultimato, 2010.

SÁ, S.P.; CARREIRO, R.; FERRAZ, R. (Org.). **Cultura pop**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015.

SOARES, T. Percursos para estudos sobre música pop. In: SÁ, S.P.; CARREIRO, R.; FERRAZ, R. (Org.). **Cultura pop**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015.

TURNER, S. **Engolidos pela cultura pop**: arte, mídia e consumo. Viçosa: Ultimato, 2014.

*Recebido em: 27/04/2018*

*Aceito em: 06/06/2018*